

## DAS VIRILIDADES – O MEU MASCULINO EM GRAVURA

*FROM VIRILITIES – MY MALE IN PRINTMAKING*

**Helder Amorim Silva Borges de Deus / UFG**

---

### RESUMO

O presente artigo é um recorte da minha pesquisa em andamento no doutorado, onde discorro sobre a minha representação de masculino expressa em uma série de gravuras com o título *Virilidades*, parte de meu processo criativo dialogando com outras linguagens artísticas e confirmando a discussão de alguns teóricos sobre aspectos que reafirmam a masculinidade como uma ideia socialmente construída, que se relaciona a concepções espaço-temporais e culturais.

### PALAVRAS-CHAVE

Virilidade; Masculino; Gravura.

### ABSTRACT

*This article is an excerpt from my research in progress at the doctorate, where I discuss my representation of masculine expressed in a series of printmakings with the title *Virilidades*, part of my creative process dialoguing with other artistic languages and confirming the discussion of some theorists about aspects that confirm masculinity as a socially constructed idea, related to spatio-temporal and cultural conceptions.*

### KEYWORDS

*Virility; Male; Printmaking.*

Os estudos de gênero e a representação destes se propagaram na academia com mais força a partir dos anos 70, atrelados às muitas correntes do movimento feminista, constituídas majoritariamente por autoras das ciências sociais, com o intuito recorrente de entender e questionar a posição desses agentes nas sociedades contemporâneas. Entretanto, desde o século 19, homem e mulher têm suas figuras

retratadas em pinturas, gravuras, esculturas e fotografias, e a ideia de analisar as particularidades de cada agente foi alvo de inúmeras pesquisas conforme descrito por Gustavo Brocanello Regina (2017) que cita estudiosas do campo das artes plásticas como Tamar Garb, Linda Nochlin e Whitney Chadwick, que se dedicam a analisar o papel atribuído a homens e mulheres em obras de diferentes movimentos artísticos.

Nessa perspectiva, a estabilização dos modelos de masculinidade e de feminilidade predominantes em uma determinada sociedade só se dá por meio do aprendizado das funções e pela internalização das representações de gênero instituídas pela cultura. Os estudos sobre gênero partem, portanto, do pressuposto de que a contribuição da biologia é insuficiente para a compreensão das diferenças subjetivas existentes entre homens e mulheres (SORJ, Bila, 1992) e se apoiam num argumento construtivista para fundamentar suas conclusões.

Contemporaneamente, Oliveira Júnior (2012) descreve a percepção dos sujeitos sobre os modelos de masculinidade e de feminilidade, elucidando os valores, as atitudes e os respectivos papéis nas mídias digitais. Assim, o autor destaca que a masculinidade não é uma essência inata que se revela em virtude de uma determinada condição biológica, mas uma ideia socialmente construída, que se relaciona a aspectos espaço-temporais e culturais. O significado de ser homem em cada contexto depende também da classe, etnia, geração, sexualidade, etc.



Figura 1. Impressão em encavo a partir de matriz de papelão cinza e cola vinil, 34,5 x 29 cm. Acervo pessoal.

Uma vez tendo acesso às discussões dos teóricos mencionados anteriormente, logo no início do primeiro semestre de 2018, com as participações nas aulas de uma disciplina da Antropologia que se articulava com estudos de visualidades, do programa de pós-graduação ao qual faço parte do corpo discente, a frase “Não fotografamos apenas com nossa máquina, fotografamos com nossa cultura”, do fotógrafo Sebastião Salgado, mencionada por um colega em um dos seminários, me fez olhar por uma perspectiva diferente para a minha produção em gravura. Não desenvolvo minhas gravuras apenas com ferramentas, pigmentos e papel. Pesquiso Gravura com a minha cultura. A partir das provocações do professor, teve início um processo de análise da maneira como a masculinidade é retratada nas minhas imagens, regime esse que sigo até hoje durante toda a minha pesquisa de doutorado.

### **Da transitoriedade plástica da poesia**

Pensando na questão técnica das produções plásticas dessa investigação, consigo perceber com muita clareza o que eu chamo de “transitoriedade plástica da (minha) poesia”. Digo isso porque, até chegar à impressão final, dialogo com outras linguagens.

Todas as minhas gravuras e desenhos partem de fotografias, minhas ou de outros artistas. Não por acaso, os registros iniciais têm como tema a virilidade. Várias são as inspirações que me trazem alguma imagem definida num enquadramento naquela área de quatro ângulos, seja no visor da câmera, na tela do celular, no monitor do computador ou mesmo impressa em um dos tantos zines, que têm o corpo masculino como tema. Outro tipo de imagem que trago como referencial poético nas minhas investigações, mas que nesse caso transpõem o estímulo visual das fotografias ditas há pouco, sendo completada pela estimulação auditiva e olfativa, e algumas vezes tátil; onde a nudez e/ou seminudez é usual e que também sempre me despertou outro tipo de impulso, são os espaços de banheiros e vestiários masculinos que frequentei e frequento não só por sempre ter praticado algum esporte, mas desde a infância na companhia de um pai árbitro de futebol.

Fechado em si mesmo como exemplo da própria noção de espaço construído, mas sempre, é claro, designado para permitir trocas entre dentro e fora análogas àquelas que pareceriam arrestadas com sucesso pela circunscrição do visual, este *locus* de atenção funcional a funções corporais culturalmente abjetas funciona necessariamente em excessos de uma lógica da mera funcionalidade. Isto é, o banheiro dos homens, apesar de concebido como uma resposta tecnológica às preocupações higiênicas

associadas às necessidades corporais, se constitui numa tecnologia em si mesma para demandar certa relação entre o sujeito masculino e seu corpo. (EDELMAN, Lee, 2011, p. 255-256)

E subscrevo Lee Edelman (2011, p. 256) por assumir que nunca me sinto tão “servido” de referencial poético e tão bem elaborado como artista que expressa o corpo masculino, em outros espaços, quanto quando imerso nesses.

Para simplificar, o desenho do banheiro dos homens tem desígnios palpáveis para os homens; quer dizer, ele aspira designá-los. Como lugar de representação, como espaços criados para “servir” o sujeito que ele ajuda a criar, o banheiro dos homens dá ao sujeito masculino seu corpo em relação com o espaço simbólico (...) ao permitir que ele, diante do único público, o masculino, cujo testemunho conta, represente como num teatro a lei de seu confinamento obrigatório. (EDELMAN, Lee, 2011, p. 255-256)

Ambientes de pouca ou nenhuma roupa sempre me renderam importantes registros em Fotografia, que mais tarde são transpostos para a Gravura. Como na grande maioria dos trabalhos em gravura os resultados são monocromáticos, percebo que dependo do gatilho das cores enquadradas na foto para um projeto de transposição entre uma linguagem e outra. Foi após aprender as técnicas de gravura e assimilar as possibilidades plásticas que o material de cada tipo de matriz e de cada tipo de ferramenta me proporcionavam, que me permiti utilizar o editor de imagens do *Microsoft Word* para estudar e produzir imagens iniciais como estimativas digitais do resultado de cada processo explorando as prensas no ateliê.

### **Do campo e contracampo**

Nas leituras e discussões do texto de Marcos Alexandre Albuquerque (2015), *Campo e Contracampo Pankararu: A imagem na pesquisa em etnicidade*, me deparei com outras questões: Qual o critério para expressar a virilidade masculina? Ou: O que seria campo e o que seria contracampo na minha pesquisa? O que vem a ser viril na minha gravura? Seria viril aquele que fosse representado desempenhando atividades “naturalmente” relacionadas à identidade masculina? Beleza, força, posição ativa no ato sexual, o provimento e a defesa de seu grupo social, seriam aspectos que garantiriam o reconhecimento da “virilidade” expressa em minha produção plástica?





Figura 2. Matriz de serigrafia, 60 x 40 cm. Acervo pessoal.

Certamente, assim como os estudos sobre a masculinidade são fundamentados no âmbito da Antropologia e das Ciências Sociais, uma definição para virilidade na arte se encontraria em mutação histórica, cultural, social e geográfica. Concentro minhas produções em elementos visuais que estruturam uma reconfiguração particular do que apreendo como “viril” inclusive em trabalhos de artistas que tomo como referência.

Nas investigações da minha pesquisa, até o momento, destaco dois pontos de tensão: a virilidade que é comumente associada à robustez, à constituição, ao vigor *versus* uma mídia frágil da matriz que se quebra, que se rasga, que é gravada, entintada e impressa.

### **Do autorretrato e o espaço autobiográfico**

Durante o Mestrado, iniciei a produção de uma série em gravura chamada Virilidades. Na ocasião, avaliava tentativas de materialidades e ferramentas mais acessíveis quando comparadas às placas de cobre ou latão e pontas secas ou buris

para desenvolver gravuras com impressões em encavo. Foi então que descobri a combinação de papelão cinza – o papel *Holler* – com cola vinil para elaborar matrizes de impressão em encavo. Depois de inúmeras aproximações, alcancei os tão almejados acertos e me vi dominando essa técnica.

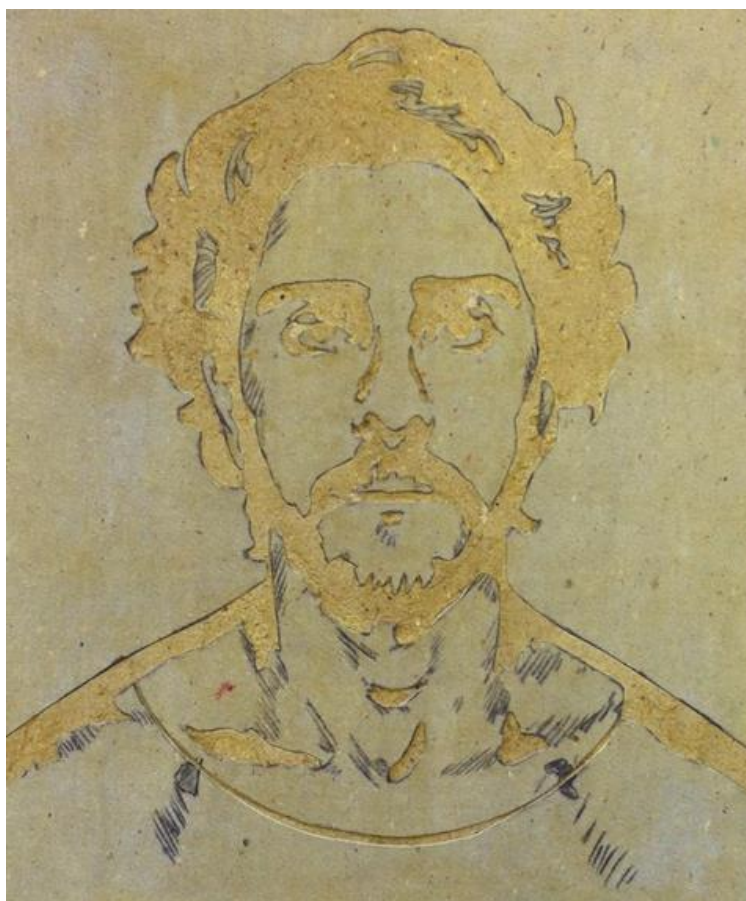


Figura 3. Matriz de papelão cinza e cola vinil, 26 x 22 cm. Acervo pessoal.

Mas quem eram os indivíduos viris representados nas impressões sobre o papel? Comecei reproduzindo fotografias de livros e zines repletos de imagens masculinas. Naturalmente notei que minhas gravuras ficavam mais interessantes quando eu conseguia expressar alguns traços como: narizes maiores, queixos bem marcados, pescoços largos, pelos... um conjunto de sinais que imprimem virilidade. E, felizmente, quase que como instintivamente, notei que a elaboração das minhas imagens há algum tempo não se restringia a um único tipo físico, mesclando cada vez mais “matizes”. Trago então a fala de Fernando Marques Penteado (2011), ao me lembrar da resposta de um amigo, acompanhada de uma sonora gargalhada, à minha afirmação explicando que “vejo potencial em tudo”:

Homens-veados [sujeitos] recorrentemente recolhidos a [sempre maiores e homo-semelhantes] grupos vêm afunilando as sensibilidades e os

matizes da alma que nos fazem serem ímpares, sujeitos que operam permanentes descobertas, com fantasias extraordinárias desde que eticamente críveis, sujeitos que desejam e produzem [novas] humanidades. Vivo assolado por uma nostalgia, por homens claro-escuros, homens nuançados, inconcebíveis a si mesmos, não antecipados a si próprios e magnetizados por [suas] condutas e [suas] roupas, homens disponíveis aos debates e ao arrebate da vida e às mudanças que ela requer. (PENTEADO, Fernando Marques, 2011, p. 330)

As questões dessa investigação sobre o tema não pararam por aqui. Por que esses corpos? Por que essas identidades? Por que esses homens? Ainda não passava pela minha cabeça me ver gravado e impresso. Acho que assumi-los nas minhas gravuras era mais fácil que me colocar naquela posição de centro do olhar. Mas já filtrava os meus projetos seguindo com escolhas de imagens de homens adultos que de certa forma me atraíam e que muitas vezes não se enquadravam em padrões eurocêntricos de beleza. Assim como eu.

A pesquisa em Arte e os testes explorando a materialidade, me possibilitaram um mergulho na minha identidade. Para me construir como imagem impressa, passei por corpos idealizados por mim como viris, buscando a representação da minha própria virilidade.

Foi nesse momento que teve início a reorganização de um espaço autobiográfico e o meu espaço, recém-ordenado, expressa um momento marcante na minha vida de artista e pesquisador. Após alguns anos imprimindo gravuras com imagens de homens que na maioria das vezes eu não me relacionava diretamente, decidi me assumir nos meus trabalhos. Já não tinha mais a mesma atração por gravar uma matriz de um cara desconhecido e a partir da reconstrução de uma identidade poética, comecei a gravar matrizes com a minha imagem. Meu espaço autobiográfico é sobre esse momento em que assumi me expressar, me representar. As matrizes reproduzem o meu corpo. O corpo de um homem, gay, artista, pesquisador. Até então eu nem pensava em me colocar gravado ou impresso a partir de uma matriz, mas quando tive contato com as discussões sobre autobiografia, veio o “por que não?”.

As matrizes do meu espaço autobiográfico são imagens que foram construídas a partir de uma reconfiguração da minha identidade. Foram elaboradas em uma composição subjetiva. Essa identidade foi se reconfigurando à medida em que fui criando forças, a partir das relações com meus pares. Na minha graduação e no mestrado, não me identificava com os colegas. De repente, surge o momento. E o redesenho dessa identidade é perturbador, tanto na reordenação do meu espaço (físico e poético) que organizei com todos os conflitos, quanto para a nossa

sociedade e cultura. Esse espaço autobiográfico é um espaço de confronto. É minha experiência estética aliada à minha experiência subjetiva. E eu percebo que acabo incomodando pela minha atitude. Veja bem: a tendência da sociedade é um jogo de visibilidade e apagamento. Eles nos dão visibilidade e nos calam. Visibilidade e anulação ocorrem no meu microcosmo também. Eu sou gay apenas nas minhas relações afetivas? Não. Tenho força me relacionando com meus pares.



Figura 4. Matrizes de borracha e impressão em relevo, 14 x 10 cm; 6 x 3 cm. Acervo pessoal.

Também não posso ignorar esse nosso cenário sociopolítico atual. Aquela pessoa de quem algumas pessoas falam, sou eu também. A reconfiguração da identidade é tão importante que, de repente, o artista visual e professor, sempre tão pacífico disse: “Não. Isso não está certo.” Eu me posicionei e sigo me posicionando. Em um passado recente, eu não me colocaria para representar o meu ponto de vista sobre o masculino numa gravura. Antes desse momento turbulento que estamos passando? Possivelmente também não. Quando dava aula de Arte para crianças do ensino fundamental? Tampouco.

## Referências

ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre. Campo e Contracampo Pankararu: A imagem na pesquisa em etnicidade. In: Esmael Alves de Oliveira; Mário Martins Viana Júnior; Patrícia

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.



Rosalba Salvador Moura Costa. (Org.). Metodologias de pesquisa em ciências humanas: campos, problemas e objetos. 01ed. Curitiba: CRV, 2015.

EDELMAN, Lee. Banheiro dos homens. In: Penteado, F. M. & Gatti, J. (org.). Masculinidades: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011, p. 255 e 256.

PENTEADO, Fernando Marques. Matizes de si. In: Penteado, F. M. & Gatti, J. (org.). Masculinidades: teoria, crítica e artes. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011, p. 330.

REGINA, Gustavo Brocanello. A costela de Adão: a heroína de quadrinhos como versão do herói. Dissertação de mestrado. Universidade Paulista, 2017.

SORJ, Bila. (1992). O feminismo na encruzilhada da Modernidade e Pósmodernidade. In: Costa, A. & Bruschini, C. (org.). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. Oliveira Júnior, Edyr Batista. Masculinidade em cena: o modo de ser e de pensar o metrosssexual a partir das telenovelas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. 2012. 162 p.

### **Helder Amorim Silva Borges de Deus**

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Mestre em Arte e Cultura Visual e graduado em Artes Visuais – Licenciatura, ambos pela FAV-UFG. Atuou como professor substituto das disciplinas de Gravura nos cursos de Artes Visuais e Design Gráfico na FAV-UFG, de janeiro de 2018 a dezembro de 2019. Contato: [helderamorim@hotmail.com](mailto:helderamorim@hotmail.com)